

O Mundo do Jeito que Eu Sinto

Josi Moreira



Apresentado por

Meu Lado Poético 

DedicatÃ³ria

Dedico este livro à minha mãezinha, que me ensinou a amar a poesia. Mesmo sendo analfabeta, declamava seus versos quando eu ainda era criança, criando do coração e da simplicidade da sua vida lindos poemas que já me faziam sonhar.

Agradecimentos

Agradeço a todos os amantes da poesia, que sabem ler nas entrelinhas dos versos muito mais do que palavras — leem sentimentos, afetos, dores e vivências.

Sobre o autor

Josi é uma menina-mulher, servidora pública dedicada, com formação em Pedagogia e Administração. Autista e sonhadora, vive e sente o mundo com intensidade — cada projeto, cada gesto e cada descoberta tornam-se parte profunda de quem ela é.

resumo

Terra Una, Nobre Vitória, Bela Conquista

Cidade que Respira, Terra que Espera

Pequenina, sim — mas infinita

Entre viver e existir

Quando me Desalinham

A Obediência Me Faz Cúmplice

A mente que sabe que mente

Talvez eu seja o verbo em palavra

O meu jeito de sentir

O que são as palavras?

Eu no mundo

O que é o hoje?

Sabe que não sei.

“Agenda de hoje”

No Silêncio Onde EU sou plenamente EU

Conversas íntimas

Tudo pronto? Então vamos lá!

Terra Una, Nobre Vitória, Bela Conquista

Terra Una, Nobre Vitória, Bela Conquista

Não há fronteira para o vento,
nem muro que detenha a chuva.
A Terra é una - respira inteira -
e seu chamado ecoa em cada cidade.
Seja aqui ou acolá, todos devemos preservar.

A urgência climática é um grito de socorro,
chamando nós, humanos, a conter o sangrar do mundo,
a ungir as feridas abertas
e guardar o sagrado
Chamado de Mãe Natureza que nos acolhe
e se doa na inteireza da existência.

O problema não é meu,
nem teu -
o problema é NOSSO,
pois o clima não escolhe endereço,
ele toca, desperta, ferve e cobra
de cada chão que pisamos e de cada faísca que tocamos.

E ainda assim, há beleza.
Há flores insistentes
que rompem o cimento, o pavimento
brotando rios que sussurram memória,
criando sombras que prometem abrigo.

Em Vitória da Conquista, nosso cantinho, nossa morada,
o Poço Escuro respira mistério,
a Serra do Periperi guarda histórias,
o Rio Verruga pede cuidado,
a Lagoa das Bateias cintila esperança,

e o Orquidário Zilda Gusmão
abre pétalas como preces que se elevam ao universo.
A Catedral das Flores se ergue, como a Senhora Virgem do Silêncio,
num altar que pede reverência.

Ó minha amada terra, reconheço as suas dores.
O sol que arde lá
é o mesmo que queima aqui,
lembrando que a terra inteira respira
num só peito febril.

A Bacia do Panorama, sempre estou em ti a pensar, uma espera,
sempre em alerta,
porque a chuva que deveria ser promessa
às vezes chega para arrasar,
carregada de presságios e exigindo repensar.
E a Lagoa das Flores, que alimenta e colore tanta gente,
guarda seu próprio silêncio -
espelho que dos trovões treme,
jardim que se perde e se refaz
a cada cheia, a cada enchente.

São faces de uma mesma mãe, que ferida chora, cicatriza - e flore.
Ó divindade natureza, quem és tu?

Una-se a nós que somos de Sobral, de Timon,
de Brumadinho ferido, de Bonfim e Mário Campos,
de São Joaquim de Bicas que renasce,
de Saquarema e Araruama,
de Cabo Verde que cruza oceanos na memória.
Somos de Angra dos Reis ou Altamira, São Gonçalo
de Petrópolis e Niterói,
somos universos, somos universais...
filhos da mesma Terra que pulsa em cada um de nós,
tecendo, no abraço da natureza,
o destino que juntos escolhemos proteger.

Chegamos de mãos dadas
para aprender, para curar,
para festejar o que ainda pode florescer.
Queremos água limpa correndo livre,
mata espessa que ofereça sombra,
sol brilhando sem medo,
raízes firmando troncos fortes
para que nosso pouso seja leve.

Que o conhecimento que aqui brotar
seja uma Vitória compartilhada,
onde todas as Conquistas enfim cheguem -
com justiça, com cuidado,
com futuro.

Pois a Terra é una,
lar comum; nosso destino
é o mesmo sopro
que atravessa todos nós.
Que as mãos que aqui se unem; entre risos e/ou lamentos -
superando fronteiras, pois a natureza é universal,
seja mais do que uma vitória.

Desse cantinho de brisa leve
e temperaturas mais amenas,
quem por aqui se aventura a andarilhar
vislumbra, no alto, o Cristo de Mário Cravo,
de braços abertos -
e descobre o propósito desta terra:
Vitória da Conquista é conquistar.

Cidade que Respira, Terra que Espera

No ventre quente das cidades que crescem,
onde o solo vira disputa
e o tempo corre apressado,
erguem-se sonhos de concreto
sobre veias frágeis da terra ?
e o clima, inquieto,
responde ao nosso descuido apressado.

E entre tantos territórios que se cruzam,
é a diversidade dos povos
? tão natural quanto a dos biomas ?
que ensina que a própria vida
se ramifica em culturas, cores, histórias,
e também em desigualdades
que estratificam caminhos
e classificam destinos.

Nas periferias onde a chuva pesa mais,
onde o morro treme
e o rio transborda memórias,
a vida aprende cedo
que o risco tem endereço,
e que a injustiça molda
mapas, ruas e histórias.

Mas ali também nasce a força que transforma:
vozes que clamam,
mãos que se unem,
vontades que latejam
por uma natureza respeitada, conservada
e bem aproveitada.

A força que insiste em existir
nos coletivos, nas assembleias,
nos movimentos que brotam
como raízes rompendo o asfalto.

Porque participação não é favor ?

é direito tecido

em cada luta em cada labuta.

Escutar o território

é aprender com sua dor e sua coragem;

é tecer estratégias

com quem vive o risco na pele;

é somar saberes, clarificar a informação,

mobilizar o bairro, a cidade, a paisagem.

E mesmo quando tudo parece miúdo,

há iniciativas que iluminam as frestas:

Óia lá a *Agenda 2030*,

com seus 17 ODS objetivos que nos guiam,

Oxente a *COP 30*, na Amazônia?

são bonanças em meio à tempestade.

Que permitem ouvir o gemido da terra,

pedindo cuidado, suporte e amor,

para que a casa comum

seja de todos, e não de alguns.

Pois alinhar as políticas do agora

com os futuros que brotam no horizonte

é escolher, com responsabilidade,

qual mundo deixaremos

nas águas, no ar, na fonte.

E quando a emergência climática

bate à porta ? porque ela bate, sempre ?

precisamos de instrumentos que cuidem,

de planos que abracem,

de respostas que cheguem

antes da tragédia.

É então que a Natureza fala,

se a deixarmos falar:

árvores que refrescam,

rios que se libertam,

solos que respiram

sem o peso da pressa,
caminhos verdes
que conectam vidas e proteções.
Soluções baseadas na Natureza
não são promessa distante:
são raízes que seguram encostas,
são parques que acolhem enchentes,
são manguezais que acalmam mares,
são futuros que podem, enfim, florescer.
Que a cidade aprenda com a terra.
Que a política caminhe com o clima.
Que o possível se torne urgente.
Que o urgente se torne ação.
E que nós ? todos nós ?
escrevamos juntos
a paisagem justa
que o amanhã merece.

Pequenina, sim — mas infinita

Sempre me tomo pequenina,
uma menina,
um orvalho tímido no amanhecer.
Mas basta um tom mais alto,
um olhar torcido,
um dedo erguido, uma ameaça ?
e já me alço.
Me ergo e cresço,
cresço inteira
para dizer que sou.
Sou firme, sou destino,
determinada e altiva.
E pouco me importam as consequências,
porque jamais permitirei
que aprisionem a minha pequena,
que reneguem o meu orvalho ?
esse toque suave
que também sabe ser tempestade
se assim me aprouver.

Entre viver e existir

Viver é simples,
é deixar o tempo passar
como passa o vento diante da vida,
é assistir aos dias passarem
sem pedir que fiquem.
Existir é outra coisa.
É abrir a porta do peito
e encarar o silêncio e o barulho que moram lá dentro,
é recolher fragmentos soltos
e aprender a reconhecer que ali, sou "EU".
Viver é sopro.
Existir é raiz.
Porque existir pede pausa,
pede que a gente pense, reflita,
amadureça o que sente
como quem colhe o próprio nome
em cada gesto, em cada suspiro do caminho.
E assim eu sigo ?
vivendo porque o tempo insiste,
existindo porque eu escolho,
crescendo, tecendo, renascendo
em cada pedaço que me faz SER.

Quando me Desalinham

Quando me desalinham,
é como se mexessem nos fios secretos
que sustentam meu silêncio.
Tudo dentro de mim se desloca,
como móvel antigo fora do lugar,
rangendo memórias que nunca contei.
Não é a discordância que fere,
é o desalinho ?
a quebra suave
entre o que digo
e o que o mundo escuta.
Fico pequena
entre ruídos que não são meus,
tentando costurar sentido
no que se perdeu
entre uma palavra e outra.
E enquanto tento me recompor,
sinto minhas bordas amolecerem,
como tecido molhado
pendendo ao sol da tarde,
esperando que alguém veja
que, por dentro,
a mudança de tom
já virou tempestade.

A Obediência Me Faz Cúmplice

Há quem diga
que obedecer é virtude,
que calar é disciplina,
que seguir comandos
é o modo mais seguro
de atravessar o mundo.

Mas quando a dor de alguém
nasce da minha obediência,
porque eu "apenas" segui uma ordem,
não há pureza possível:
há cumplicidade.

A passividade é um véu fino?
transparente demais
para esconder a escolha.
Quem se curva sem pensar
não se exime:
se alinha.
E onde se alinha,
se iguala.

Carrega então não só o gesto,
mas o silêncio que o permitiu;
não só a ação,
mas a covardia que a embalou.
A maldade, vestida de obediência,
não lava nada,
não salva ninguém:
apenas embrutece,
apenas apequena,
apenas transforma o cumpridor
em sombra da própria consciência.

Que eu nunca me permita
esse disfarce confortável.

Que eu escolha,
mesmo quando treme,
a coragem de ser inteira,
a insubmissão que protege,
a dignidade que não fere.

Porque a moral que herdamos
é só o chão inicial?
mas a moral que escolhemos
é o caminho inteiro a seguir.

A mente que sabe que mente

A minha mente, às vezes, mente.

Sussurra culpas que não são minhas,
ensombra caminhos que ainda brilham,
me diz que sou pequena ?
quando, na verdade, sou intensa, sou imensa.
Só que por vezes esquece de si.

Ela mente

quando veste os olhos com o véu do egoísmo das dores,
fazendo tempestade onde havia só vento,
erguendo muros onde existiam apenas portas entreabertas.

Ela mente

quando transforma o outro em inimigo,
quando o conflito vira gigante,
quando aquilo que machuca vira verdade ?
quando não é.

E eu, que sou mundo

e carrego mundos,
me vejo nesse complexo confuso
entre o caos e o sentido,
entre a vida que pesa
e a vida que pulsa.

Mas há sempre um instante silencioso
em que percebo:

se a mente mente,
o coração revela.

E nele encontro o afago
que costura de volta
o que pareço perder.

Sou mais do que penso,
mais do que temo,
mais do que a mente diz.

Sou caminho, sou destino,
sou retorno,

sou presença que insiste.

E sigo ?

não porque é fácil,

mas porque decido.

Talvez eu seja o verbo em palavra

Talvez eu seja o verbo em palavra
cor das cores do arco-íris
colorindo meus pensamentos.
Sem voz? Não.
Tenho versos ?
sou amante das palavras desenhadas.
Talvez eu não saiba pronunciar os versos,
mas sei desenhá-los com o coração,
e é só isso que me faz inteira:
o grito silencioso da minha alma
para que o outro enxergue
o quão peculiar eu sou.
Enigma da existência humana,
sou o traço que se refaz,
complexo, todos os dias ?
um sopro de mistério
em busca de luz.

O meu jeito de sentir

O meu sentir é intenso,
tão profundo
que antecipo a emoção ainda por nascer.
Frequento o futuro sem saber
o caminho de volta
para este instante que me chama.
A vida ? esse trem veloz ?
corre em trilhos que mal avisto.
Os vagões passam, urgentes,
e eu preciso do toque leve do vento
para suavizar o peso
do que ainda vou viver.
Por muito tempo não compreendi
essa estranha exaustão:
cansar-me antes da aventura,
desabar depois da experiência.
Hoje aceito:
o meu modo de sentir o mundo
é uma constelação própria ?
um desvio luminoso,
uma forma única de pensar,
de existir
e de permanecer inteira
mesmo quando tudo passa depressa demais.

O que são as palavras?

São gotinhas do sentir humano,
ressoando do coração para o mundo,
refletindo no espelho da alma
e cintilando pelo brilho dos olhos.

Dizer é tão simbólico quanto viver:
é registrar a própria existência
nos caminhos por onde se passa,
é deixar marcas suaves ou profundas
na vida e no coração de alguém.

A palavra toca, baila, nina,
é canto que acalenta,
colo que acolhe,
sopro que aproxima.
A palavra é oração ?
asa que se eleva,
luz que alcança o divino.

Eu no mundo

Eu no mundo

*olho do alto da montanha
e contemplo um desconhecido
com referência, autoamor e autoconfiança
faço a oferta de mim mesma,
dando início o bailar da vida ?
conquistando e consolidando
o meu lugar no mundo.*

O que é o hoje? Sabe que não sei.

O que é o hoje?
Sabe que não sei.
Vivo sempre no futuro,
um futuro que é lindo, cheio de cores, flores e amor,
onde as pessoas se cuidam e se abraçam,
onde a fraternidade reina e não existe preconceito.
Talvez esse meu futuro não esteja longe;
o que desejo e vejo como futuro já existe,
repousa, descansa e se hospeda no meu coração.
E assim caminho, passo a passo,
bordando esperanças no tecido do tempo,
plantando sonhos no silêncio dos dias,
sabendo que cada gesto de ternura
é ponte entre o agora e o amanhã.
Se o hoje me escapa, o amor me ampara.
E o futuro que imagino, tão pleno e verdadeiro,
não é horizonte distante nem miragem passageira ?
é bússola que me guia,
é luz que me habita,
é o universo de verso que começa em mim.

“Agenda de hoje”

"Agenda de hoje"

Tenho na agenda muitas lembranças,
encantamento por tudo que já ouvi,
histórias que lembro
e histórias que esqueci.

São gargalhadas,
piadas sem graça,
dias de calor
e dias de frio.

Sabe, meu bem,
o que tenho na agenda de hoje?

O café da manhã que adiantei,
o ficar na cama mais um pouco,
o aguardar pra ver
se o trânsito melhora,
ah... o convite do almoço
de última hora?

e que bom
que você aceitou.

Pois você fez parte
da minha agenda de hoje.

E na minha agenda de manhã?

A agenda de manhã
só tem escrito...

(o espaço onde teu nome repousa,
onde a rotina vira encontro,
onde o dia começa a ser escrito).

No Silêncio Onde EU sou plenamente EU

No Silêncio Onde EU sou plenamente EU

No que estou pensando hoje agora...
converso com meus pensamentos,
juntando palavras
e desenhando o que desejo ser.
No silêncio das palavras produzidas,
meus pensamentos voam
em direção a um mundo de mil cores;
ah, se pensamento criasse realidade,
a minha seria rodeada de criaturas diferentes,
cheias de novidade,
todas desejando ser ?
somente ser ?
indivíduo.
Porque a individuação do ser
é tão brilhante
e tão única
que só consigo existir plenamente
nos meus próprios pensamentos...
talvez eu não seja um ser social,
porque só sei ser inteira
no mundo que eu mesma criei.
Hoje, sinto a plenitude
da minha própria companhia,
enquanto a exigência do social ?
a pressa das festas,
o peso do Natal ?
me cansa.
Não quero confraternizações
que não me pertencem,
onde eu seria um bicho estranho.

Eu queria mesmo era estar em casa,
sonhando meu sonho,
dormindo ?
como tanto amo fazer.

Criando meu mundo de cores e criaturas,
onde os convidados fossem sensações diferentes,
vidas e palavras em poesia,
movimentos suaves
que bailam nos meus pensamentos
como versos que se libertam
antes mesmo
de existir.

Conversas Íntimas

Dialogar com os pensamentos

é sentar na beira da estrada e aguardar as palavras,
vê-las abrirem caminho
como quem acende luz em neblina.

O som das palavras mentais ? simplesmente fala ?

e vai definindo o desenho:

vira vento que empurra o pensamento,
arco-íris colorindo o infinito.

O universo ecoa ? e a resposta volta inteira,
concreta, feita do que o pensamento deixou no ar.

É bonito isso:

duas vozes tecendo sentidos,
como quem fia silêncio e sonho
num mesmo fio.

Porque quando o universo ecoa,
a melodia dita o ritmo,
mesmo quando não sabemos
se fomos nós que a criamos
ou se ela sempre nos esperava
do outro lado do silêncio.

E é bonito isso:

duas vozes ? a minha e a sua,
a sua e a do mundo ?
tecemos sentidos sem perceber,
fiando silêncio e sonho
num fio que não se rompe,
porque a palavra, quando nasce,
já nasce sonhando em ser...

Tudo pronto? Então vamos lá!

É interessante como a palavra é poesia,
assim como a poesia é palavra ?
uma dança que se escreve sozinha,
um sopro que me atravessa sem pedir licença.
Li a mensagem que dizia:
"Tudo pronto? Então vamos lá!"
e logo pensei: lá aonde?
Lá onde o labor nos espera,
onde o sonho descansa,
ou onde tudo é incerteza, seguindo o viver do dia?
Porque o agora é o que estou vivendo,
fio que se desenrola sem pressa,
e daqui a pouco eu nem sei
se ainda estou aqui
ou parti para o infinito
para encontrar comigo inteira
como jamais fui.
E nessa travessia entre o dito e o pensado,
entre o que lembro e o que invento,
a palavra vira poesia outra vez,
e eu me deixo ir ?
lá, onde quer que seja,
com tudo que sou
e tudo que ainda me falta ser.